

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS-DEGEO**

DANIEL MARCÍLIO DE OLIVEIRA



**A PERCEPÇÃO DOS IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS GERADOS POR
MEGAEVENTOS ESPORTIVOS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**

**SÃO JOÃO DEL REI, MG
2025**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS-DEGEO

**A PERCEPÇÃO DOS IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS GERADOS POR
MEGAEVENTOS ESPORTIVOS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**

Monografia apresentada à Coordenadoria do Curso de Geografia da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Autor: Daniel Marcílio de Oliveira

Orientadora: Profa. Dra. Adelaine Ellis Carbonar dos Santos.

São João del Rei, MG
2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Adelaine Ellis Carbonar dos Santos
(DEGEO-UFSJ)

Prof. Felipe Saluti Cardoso
(DEGEO-UFSJ)

Prof. Patrícia Martinelli
(DEGEO-UFSJ)

“Matar o seu sonho é matar a si mesmo”

-Fabio Brazza

“No que diz respeito ao empenho, ao esforço ao compromisso e a dedicação, não existe meio termo. Ou você faz bem feito ou não faz.”

-Ayrton Senna da Silva

“Se o céu não tem limites, você também não deveria ter”

-Usain Bolt

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar este texto agradecendo aos meus pais, por nunca terem desistido de mim e sempre por terem me incentivado a estudar e exercer minha criatividade, além de me proteger e manter longe do mal caminho, por terem criado um homem com virtudes e bons valores. Agradeço também aos meus avós que infelizmente não estão mais aqui. A eles fiz uma promessa: De que eu me formaria na universidade e bom, com este trabalho estou a um passo mais próximo. Não posso deixar de mencionar meu irmão que me ensinou muita coisa sobre como sobreviver nesse meio universitário.

Gostaria de agradecer a todos os funcionários do Colégio Cenecista Castello Branco e do Colégio Santa Ângela e ao curso Challenge por terem realizado toda a minha formação educacional e a UFSJ por ter sido minha casa nos últimos 4 anos.

Agradeço aos meus amigos de infância Pablo, João Victor, Marcelo e aos três João Pedro pelos quase 20 anos de amizade e parceria, também aos meus amigos de adolescência, Gabriel, Maria Fernanda e Fernanda por terem me tirado de locais bem complicados nessa jornada. Deixar meus agradecimentos aos meus colegas de classe Karen, Nicole, Maria Eduarda, Beatriz, Gabriel e Virgílio pela amizade. Também não posso me esquecer dos irmãos da República Golpe Baixo: Júnior, Abraão, Rafael, Henrique, Rafael e Matheus pelas brincadeiras e risadas ao longo dos anos.

Também quero agradecer a minha orientadora Adelaine por toda ajuda e suporte na realização dessa pesquisa e ao meu antigo orientador André que me introduziu nesse meio da pesquisa e sempre me cobrou para melhorar diariamente.

Por fim, mas não menos importante, gostaria de agradecer a todos os voluntários anônimos que tiraram um tempo para responder as perguntas e auxiliar na obtenção de dados da pesquisa. E, lógico, todos aqueles não citados aqui, mas, se sintam lembrados, muito obrigado e podem ter certeza que nunca os esquecerei e todos foram importantes para formar a pessoa que eu sou hoje.

RESUMO

Este trabalho busca compreender a percepção das pessoas que residem no Rio de Janeiro frente aos impactos que ocorreram na cidade como consequência da realização dos eventos da Copa do Mundo FIFA e dos Jogos Olímpicos Rio 2016. A pesquisa tem como objetivo identificar como os impactos foram percebidos pela população, como eles ocorreram e como eles afetaram a cidade. Para isso foi realizada uma pesquisa com análise de material bibliográfico constituído de artigos científicos como fonte primária, reportagens jornalísticas e documentos disponíveis como fontes secundárias. Além disso, foram aplicados questionários ao longo do mês de Janeiro de 2025 para obter respostas mais claras e opiniões vindas diretamente daqueles que mais sofreram os impactos desses dois eventos. Os resultados apontam que, embora esses mega eventos tenham gerado lucros e visibilidade internacional para o Rio de Janeiro, eles também escancararam as desigualdades socioeconômicas presentes na cidade especialmente nas zonas periféricas. Também foi visto que uma parcela significativa da população não viu os tais benefícios a longo prazo de deveriam ser gerados pelos eventos. Os dados também demonstraram que a população é em partes contra a realização de novos eventos principalmente pela má organização e abandono de estrutura gerados. Conclui-se que os megaeventos esportivos foram positivos em partes para a cidade porém aumentaram as desigualdades e não causaram mudanças positivas significativas o bastante para justificar a ocorrência recorrente deles.

Palavras Chave: Megaeventos, Desigualdade Socioeconômica, Copa do Mundo, Olimpíadas Rio 2016

ABSTRACT

This work seeks to understand the perception of people living in Rio de Janeiro regarding the impacts that occurred in the city as a result of hosting the FIFA World Cup and the Rio 2016 Olympic Games. The research aims to identify how these impacts were perceived by the population, how they occurred, and how they affected the city. To achieve this, the study included an analysis of bibliographic material composed of scientific articles as primary sources, as well as news reports and official documents used as secondary sources. In addition, questionnaires were applied throughout January 2025 to obtain clearer responses and opinions directly from those who were most affected by the impacts of these two events. The results indicate that, although these mega-events generated profits and international visibility for Rio de Janeiro, they also exposed the socioeconomic inequalities present in the city, especially in peripheral areas. It was also observed that a significant portion of the population did not experience the supposed long-term benefits that were expected from the events. The data also showed that part of the population is against the hosting of new events, mainly due to poor organization and the abandonment of infrastructure that followed. It is concluded that while the sporting mega-events were partially positive for the city, they also increased inequalities and did not bring about significant enough positive changes to justify their recurring occurrence.

Key-words : Mega-events, Socioeconomic Inequality, World Cup, Olympics, Rio 2016

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....8

METODOLOGIA..... 14

RESULTADOS..... 15

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 29

BIBLIOGRAFIA..... 31

INTRODUÇÃO

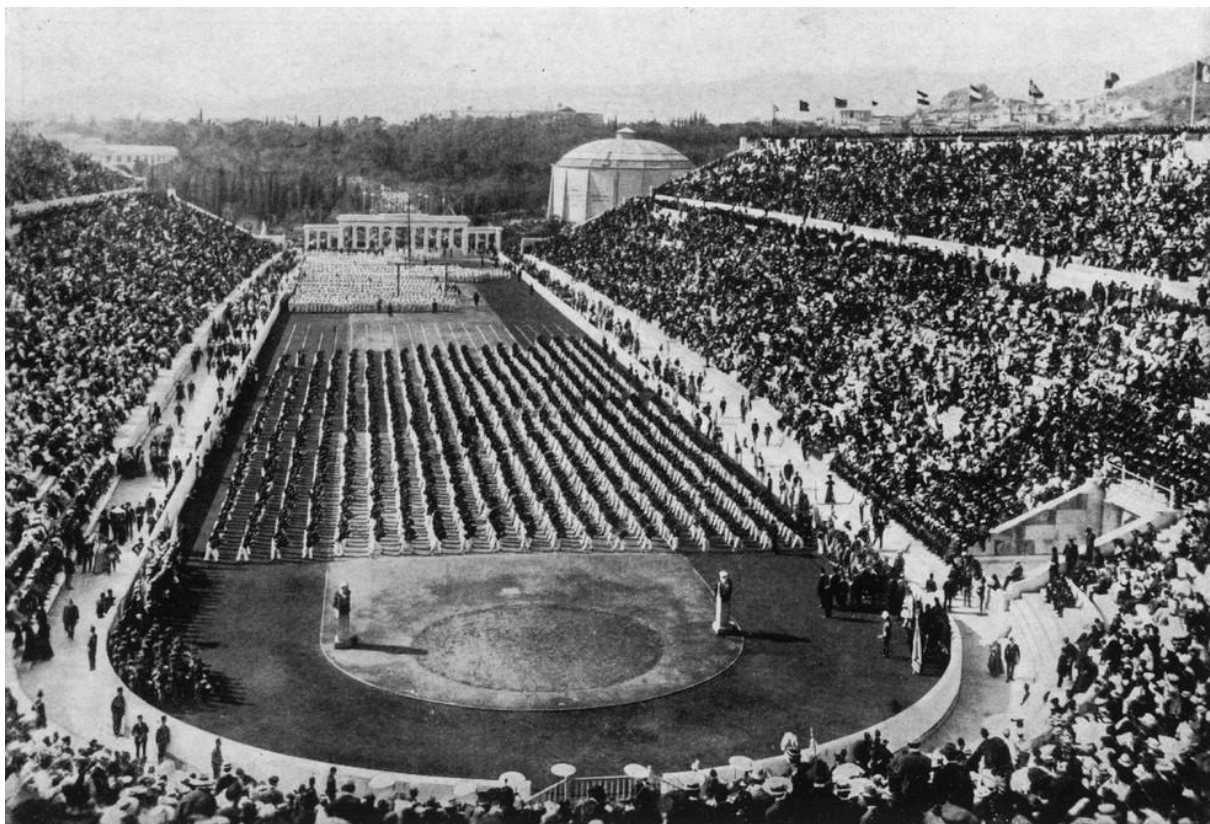
Este trabalho tem por objetivo compreender a percepção de pessoas que residem no Rio de Janeiro sobre os impactos que ocorreram na cidade como consequência da realização dos eventos da Copa do Mundo FIFA 2014 e dos Jogos Olímpicos Rio 2016. Para tanto, foram estipulados três objetivos específicos, a saber: (1) Compreender a percepção da população carioca a respeito dos impactos socioeconômicos causados pelos megaeventos Copa do Mundo FIFA (2014) e Jogos Olímpicos Rio 2016; (2) Identificar o perfil socioeconômico da população afetada por estes eventos; (3) Mapear as praças permanentes onde ocorreram os eventos esportivos durante a Copa do Mundo FIFA 2014 e os Jogos Olímpicos Rio 2016.

A origem dos megaeventos está atrelada diretamente ao desenvolvimento da sociedade e ao fato de os seres humanos começarem a ter a capacidade de se mover de um lugar para o outro mais facilmente. Isto é, os megaeventos estão ligados à expansão da globalização (Roche, 1998).

Os megaeventos têm um papel significativo na história da humanidade, pois servem como manifestações esportivas, culturais e sociais que atingem grandes proporções e chamam a atenção global. Neste sentido, o ser humano teve a vontade de se reunir em locais para a realização de competições e outros eventos. Ao longo dos séculos essas grandes celebrações foram utilizadas não apenas como formas de entretenimento, mas também como instrumentos de projeção de poder, estímulo econômico e promoção da identidade nacional. Os primeiros eventos do tipo podem ser traçados para a antiguidade, como os primeiros Jogos Olímpicos na Grécia em 776 aC. Isso mostra que o homem sempre teve a necessidade de ter essas celebrações em grupo, fossem elas de cunho religioso, esportivo etc. Esses eventos foram ganhando uma maior proporção ao longo dos séculos e, à medida que a sociedade e a tecnologia iam se desenvolvendo, os eventos também iam, maiores, melhores e mais organizados Jago et al. (2010).

Chega o século XIX e junto com a modernização começam as chamadas Feiras Mundiais que ocorreram por toda a Europa (Figura 2) e, juntamente com os Jogos Olímpicos da Modernidade (Figura 1) iniciaram uma nova era para os megaeventos ao redor do mundo Jago et al. (2010).

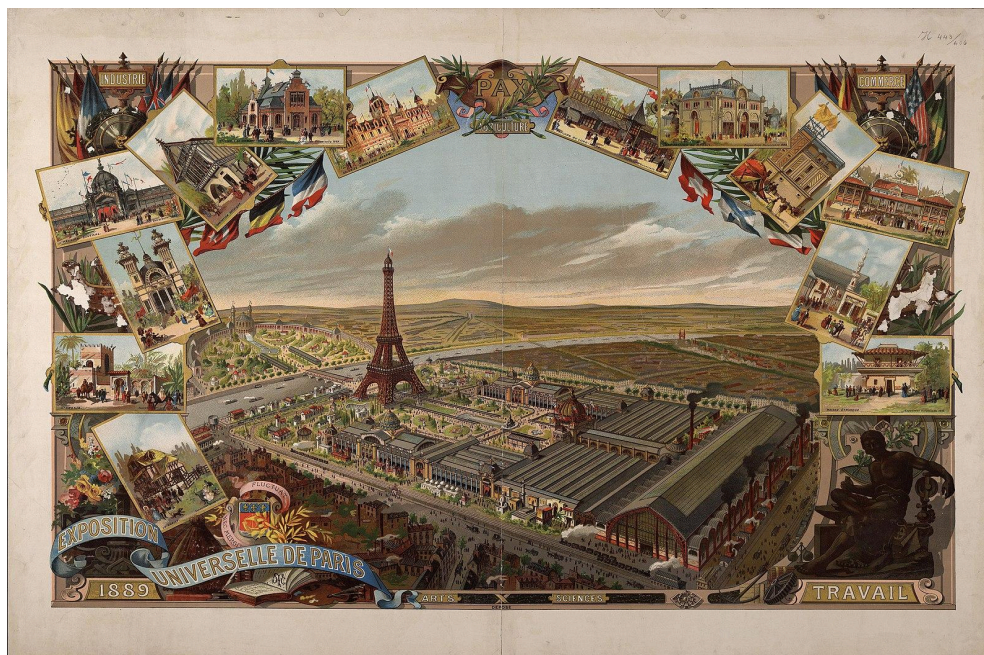
Figura 1: Jogos Olímpicos de Atenas (1896)



Fonte: Olympics.com

O conceito de megaevento pode ser definido a partir de algumas características principais, como sua abrangência internacional, sua capacidade de atrair milhões de espectadores e sua influência em diversas esferas da sociedade (Muller, 2018). Ainda, para o autor, os megaeventos exigem investimentos bilionários em infraestrutura, segurança e logística, o que impacta diretamente as cidades e países-sede. esses eventos foram utilizados por governos e instituições como ferramentas de diplomacia, fortalecimento da imagem nacional e estímulo ao desenvolvimento econômico (Garofalo, 1993).

Figura 2 : Poster da Exposição Universal de Paris (1900)



Fonte: Arquivo digital da biblioteca universitária de Darmstadt , Autor desconhecido

Conforme Roche (1998), no século XIX se iniciaram os primeiros eventos que podem receber a nomenclatura de megaeventos na Europa. As chamadas Exposições Universais (Figura 2) foram um verdadeiro divisor de águas na história dos megaeventos. Pois possibilitou que as grandes nações mostrassem seu poderio econômico e desenvolvimento tecnológico. Já no século XX, os Jogos Olímpicos modernos (Figura 1) e a Copa do Mundo consolidaram-se como os eventos esportivos de maior prestígio, atraindo atletas e espectadores do mundo inteiro. No entanto, à medida que esses eventos cresciam em escala e complexidade, também passaram a ser alvo de críticas, especialmente no que diz respeito aos altos custos de organização, à gentrificação das cidades-sede e aos impactos ambientais e sociais (Costa, 2013).

Os primeiros megaeventos chegaram ao Brasil por volta da década de 20 com o primeiro grande evento do tipo que se tem notícia sendo a Celebração do Centenário da República, na cidade do Rio de Janeiro, em um evento que reuniu delegações vindas de diversos países do mundo e teve como grande exemplo de legado a utilização do Palácio Monroe também no Rio de Janeiro para a realização de reuniões diplomáticas e outros eventos. Além disso, ocorreu também uma certa modernização na então capital do país, o Rio de Janeiro. Em suma, esse primeiro grande evento do Brasil serviu como porta de entrada da nação nesse meio (Alvarenga, 2019).

Três décadas após esse evento, o Brasil foi palco de mais um evento de grandes proporções, quando sediou a Copa do Mundo FIFA de 1950 que foi realizada em um momento

de transição, após mais de uma década de um governo com Getúlio Vargas no poder e num contexto global de um pós Segunda Guerra Mundial, onde maioria das nações europeias estavam em reconstrução após os danos causados na guerra (Venancio, 2010).

Diante desse cenário, o Brasil buscava mostrar ao mundo que estava se modernizando. Apesar do eventual fracasso ocorrido esportivamente naquele torneio, o Brasil mostrava para o mundo que tinha a capacidade de sediar eventos de grande porte (Santos, 2014).

Foi na década de 90 em que o Brasil se consolidou realmente como um local viável para a realização de eventos de escala global e iniciou uma nova era para o país. A Cop 92 (Figura 5) ocorre em um momento de instabilidade política durante o governo Collor e num contexto pós Guerra Fria em que o mundo ainda estava se organizando para o que viria pela frente. Esse evento reuniu representantes de mais de 150 países e pode ser visto como a forma do Brasil mostrar que o hemisfério sul poderia fazer parte dessas discussões. Esse momento também foi importante para a cidade do Rio de Janeiro que começou a querer sediar eventos mais frequentemente (Gaffney et al, 2015).

Para Gaffney et al(2015), o que ocorreu na sequência foi uma mudança de ares por parte da Prefeitura do Rio de Janeiro e do próprio governo estadual. As lideranças políticas do estado começaram a demonstrar um maior interesse em sediar eventos esportivos, pois o Brasil era um país mundialmente conhecido pela sua proficiência nos esportes, então seria algo como uma “propaganda gratuita” da grandeza nacional como um todo, logo, foi fácil convencer a população e os políticos de que seria uma boa ideia, ao menos no começo.

Ainda baseando-se em Gaffney et al (2015), o que aconteceu depois foi uma grande sequência de erros na organização dos eventos que viriam a seguir, foi visto um certo descaso com as populações mais humildes na periferia e a cidade do Rio de Janeiro parece que se esforçou para tentar esconder esse lado “feio” da cidade visto que não houve avanços significativos na qualidade de vida dessas pessoas.

Figura 3 : Conferência do Clima Rio 92 (1992)



Fonte: Banco de Imagens/GS

O megaevento é um instrumento poderoso de modificação do espaço urbano. Conforme Corrêa (1989) o espaço geográfico é o resultado de uma interação de fatores políticos, econômicos e sociais dentro dele, sendo estes agentes modeladores do espaço. Tendo em mente esse fato os megaeventos como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos evidenciam a ação do Estado e do capital privado na reconfiguração da malha urbana pois ele afirma que quem possui mais capital tem um poder e liberdade maior de modificar o espaço e as relações que nele ocorrem. No caso desses megaeventos, que exigiram anos de preparação e muitas obras e reformas nas sedes que geraram a construção de novas praças esportivas, vias turísticas dentre outras que atenderam em sua maioria os interesses econômicos e midiáticos dos eventos. Esse processo resultou na valorização seletiva de certas regiões e na exclusão de populações vulneráveis, como demonstrado nas remoções de comunidades inteiras, caso da Vila Autódromo (Figuras 4 e 5) no Rio de Janeiro que será mais discutida mais à frente. Essas questões fazem com que o espaço urbano se torne algo fragmentado, o que revela em sua essência um caráter desigual em sua produção corroborando mais uma vez com Corrêa (1993).

Figura 4: Comunidade da Vila Autódromo-RJ após a construção do Parque Olímpico (2013)



Fonte: Genilson Araújo via O Globo

Figura 5: Resquícios de comunidade deslocada de sua localização (2018)



Fonte : Akemi Nitahara via Agência Brasil

É neste ponto que uma análise geográfica pode contribuir para compreender os impactos dos megaeventos na vida cotidiana da população carioca. Assim, os megaeventos

possuem relação direta com o espaço, pois este último deve ser entendido como uma construção relacional, múltipla e inerentemente contestada, marcada por diversas interações consideradas desiguais e pela coexistência de diferentes questões subjetivas (Massey, 1985).

Conforme os conceitos descritos por Massey (1985) é criada essa ponte com a questão dos megaeventos esportivos pois, ao serem incorporados à dinâmica das teias urbanas, acabam por promover uma certa homogeneização discursiva e simbólica do espaço, criando uma representação dominante pautada na ideia da modernização e uma maior integração à economia global.

Tal processo está vinculado à espacialização do poder visto que o Estado e grandes corporações podem utilizar esses megaeventos como instrumentos para reconfigurar o espaço segundo interesses estratégicos e financeiros de determinados grupos. Isso pode se materializar na forma de diversas práticas, como remoção de comunidades, privatização de áreas previamente públicas e até mesmo a militarização de espaços urbanos, configurando formas de exclusão e controle que acabam por esconder as vozes dessas populações. Portanto, os megaeventos esportivos não apenas revelam, mas têm o poder de aprofundar desigualdades socioespaciais.

METODOLOGIA

Os megaeventos são vistos de forma negativa por alguns e é fato de que qualquer forma esses eventos irão causar algum tipo de impacto nas sedes, e esses impactos são diversos. Apesar disso, conforme Müller (2018) existem ainda algumas divergências a respeito do que pode ou não ser considerado como um impacto do megaevento.

A fim de compreender quais os impactos socioeconômicos que ocorreram na cidade do Rio de Janeiro-RJ, como consequência da realização dos eventos da Copa do Mundo FIFA e dos Jogos Olímpicos Rio 2016, foi realizado um levantamento bibliográfico mais extensivo, partindo das referências já obtidas no momento do pré-projeto. Para isso, foi coletada uma ampla gama de artigos científicos em portais como o *Google Scholar* e o *Web of Science*, além de diversas reportagens jornalísticas que foram publicadas em períodos tanto anteriores quanto posteriores à realização desses eventos a fim de enriquecer a bibliografia a respeito do tema.

Após isso foi estabelecido os limites das áreas que seriam estudadas e para isso foi utilizado o *Google Earth* para mapear todas as praças esportivas e pontos de interesse que seriam analisados dentro dos limites da cidade do Rio de Janeiro, RJ. Os dados dos locais onde as sedes estavam disponíveis no site oficial das Olimpíadas (www.Olympics.com).

Posteriormente, para a obtenção de dados sobre os impactos causados por esses eventos, além de verificar as mudanças que ocorreram na produção e na organização

espacial, foram aplicados questionários voltados às pessoas que vivem ou viveram na cidade durante a realização dos eventos. Este questionário foi constituído por 17 questões abertas e fechadas, aplicadas através do *Google Forms* entre os dias 06 e 31 de janeiro de 2025. As respostas foram coletadas sem identificação para assegurar o anonimato.

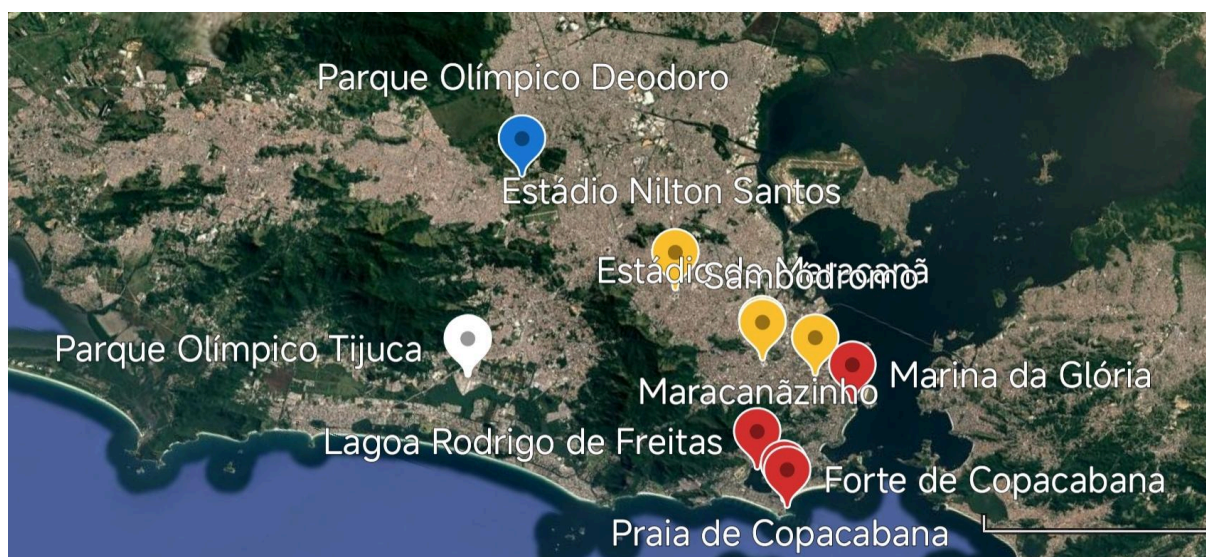
O contato com os respondentes, se deu a partir da metodologia de amostragem “Bola de Neve” descrita por muitos autores, entre eles, Vinuto (2014), que consiste no contato dos primeiros respondentes que, sugerem outros possíveis respondentes, até que se atinja o ponto de saturação (Sá, 1998).

Com os questionários finalizados, foi possível categorizar os dados obtidos nas respostas. Após extrair os dados do formulário, os mesmos foram colocados em uma planilha no Excel (as perguntas objetivas) e as perguntas abertas foram transferidas para um *Google Docs* no qual as mesmas foram analisadas e transformadas em dados, convertidos em gráficos e interpretados utilizando o método da análise de conteúdo descrita por Bardin (1977). Com isso, foram criados gráficos e diagramas que mostram o perfil socioeconômico dos respondentes, bem como a compreensão dos demais resultados.

RESULTADOS

Para a compreensão dos impactos socioeconômicos que ocorreram na cidade do Rio de Janeiro-RJ, como consequência da realização dos eventos da Copa do Mundo FIFA e dos Jogos Olímpicos Rio 2016, demarcamos as praças esportivas e pontos de interesse, como descrito na Figura 6:

Figura 6 - Praças esportivas e pontos de interesse no Rio de Janeiro.



Fonte: Google Earth. Acesso em: 24 de maio de 2025, às 14h:39m.

Esta imagem das localizações onde foram realizados os eventos desportivos dos Jogos Olímpicos e Copa do Mundo evidencia primeiramente uma concentração maior de eventos na Zona Sul da cidade (área mais próxima da praia) e demais zonas adjacentes a ela. Isso pode ser devido ao fato dos bairros mais economicamente desenvolvidos do Rio de Janeiro estarem nesta região (De Queiroz Ribeiro, 1999).

A Copa do Mundo e as Olimpíadas são exemplos emblemáticos de como os megaeventos esportivos são capazes de influenciar diretamente a teia urbana, pois exigem diversos investimentos e ações estatais para acontecerem. (Rocha, 2018) No caso do Rio de Janeiro, a concentração desses eventos em áreas militares ou desenvolvidas/turísticas, nos faz notar um certo padrão que esses eventos costumam seguir, o de exclusão da população mais marginalizada, isto é uma ação sistemática dos organizadores para impedir que essas pessoas em situações mais vulneráveis sejam vistas por quem visita a cidade (Bianco, 2010)

A título de exemplo, a construção do Parque Olímpico na Barra da Tijuca resultou na remoção forçada de comunidades como a Vila Autódromo (Figura 7), evidenciando a lógica de exclusão social e desigualdade territorial. A área, antes ocupada por famílias de baixa renda, foi alvo de valorização imobiliária com o avanço de empreendimentos de alto padrão, favorecendo interesses econômicos e midiáticos em detrimento dos direitos da população local. Apesar disso, a Vila Autódromo ainda é um marco de resistência no Rio de Janeiro e o chamado “Ato da Vila Autódromo” que foi uma série de movimentos de protesto que ocorreram na comunidade ao longo dos anos que tinha o objetivo de lutar contra as remoções e pedir mais urbanização e modernização no bairro (Iversen, 2017). Isto ocorreu também em escala nacional durante a Copa do Mundo. Essas ações deixam clara a situação fragmentada e desigual da produção do espaço urbano no Brasil, como apontado por Corrêa (1989; 1993), onde investimentos são posicionados em áreas estratégicas em detrimento das populações vulneráveis, algo que também foi notado durante a análise das respostas dos questionários desse projeto.

Figura 7 : Comunidade da Vila Autódromo RJ

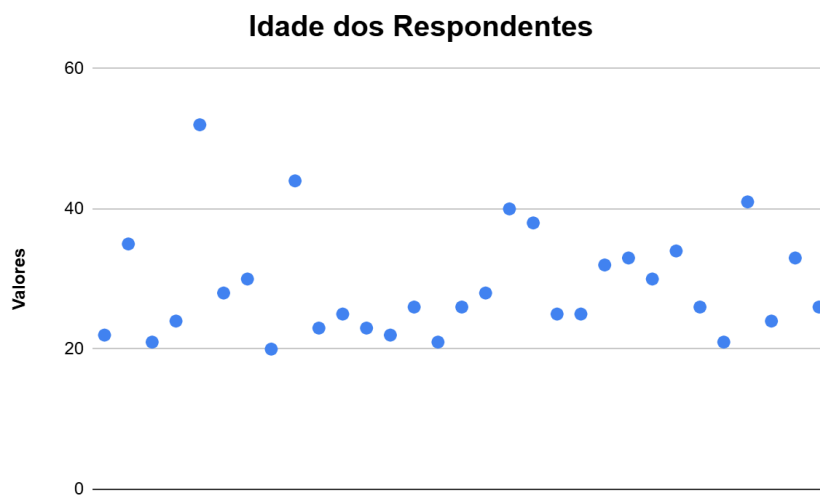


Fonte: Cúpula dos Povos (Ato da Vila Autódromo)

Durante o período da aplicação dos questionários, conseguimos coletar 31 respondentes. Após uma análise minuciosa e categorização dos dados começamos a notar alguns resultados interessantes obtidos nas perguntas do questionário e, para isso, vamos utilizar uma abordagem mais visual a fim de traçar um panorama da população respondente e do perfil socioeconômico da mesma, além de fazer algumas ligações entre cada uma das respostas.

A primeira pergunta feita foi a respeito da idade dos respondentes, com o intuito traçar um parâmetro, pois a idade pode influenciar significativamente opiniões, comportamentos e preferências, tornando-se um fator relevante para compreender melhor o público-alvo do estudo.

Gráfico 1 - Faixa etária dos respondentes.



Fonte: Questionários aplicados pelo *Google Docs* entre Janeiro e Fevereiro de 2025.

Neste gráfico pode-se observar que a maioria das respostas são de indivíduos com idades entre 20 e 40 anos, resultado que podemos correlacionar com dados extras como renda e ocupação profissional do cidadão.

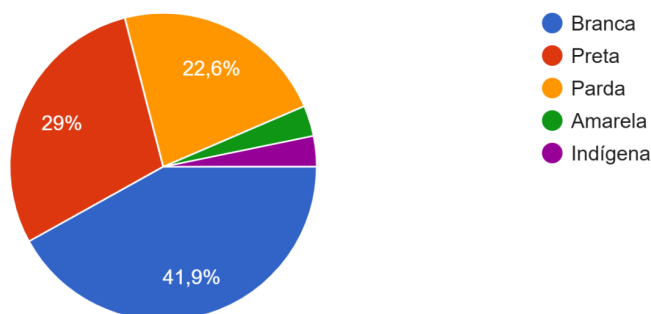
Um fato curioso sobre esse gráfico é que se o compararmos com a pirâmide etária da cidade do Rio de Janeiro (que está disponível para consulta através do IBGE cidades), evidenciamos que elas se encaixa quase perfeitamente, mostrando que mesmo com uma quantidade de respostas relativamente pequena, se comparada com a população total da cidade, ainda reflete as mesmas idades.

A segunda pergunta realizada buscava ver quais as etnias mais presentes na capital carioca e surpreendentemente os resultados desta pergunta são muito similares aos dados que foram obtidos no Censo da cidade, com um pequeno grau esperado de variação que pode ser visto no gráfico abaixo:

Gráfico 2 - :Perfil étnico do Rio de Janeiro.

Qual a sua cor/etnia?

31 respostas



Fonte: Questionários aplicados pelo Google Docs entre Janeiro e Fevereiro de 2025

A obtenção desse caráter étnico pode ser muito útil para traçar uma ponte entre renda e ocupação profissional, por exemplo. Em 2022, a população do Rio de Janeiro era composta por 45,4% de brancos, 38,7% de pardos, 15,6% de pretos, 0,02% de amarelos e indígenas e 0,01% sem declaração. Logo, podemos aferir que os resultados da pesquisa seguem coerentes com o espectro populacional obtido no Censo.

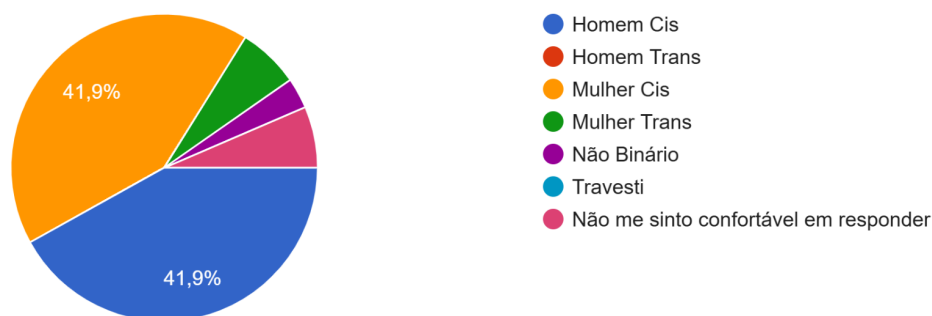
A terceira pergunta foi a respeito da identidade de gênero da população que, tal como a questão que diz respeito a etnia, é necessária para traçar um panorama da população, até porque muitos serviços estatísticos ainda não incluem as alternativas “trans” e “não binário” na equação. Esse é um parâmetro que também é necessário para entender algumas das

dinâmicas populacionais, bem como a relação com o vínculo empregatício, pois sabemos que na sociedade atual existem pessoas que possuem vínculos de trabalho informais.

Gráfico 3 - Representação da identidade de gênero das pessoas participantes da pesquisa.

Qual sua identidade de gênero?

31 respostas



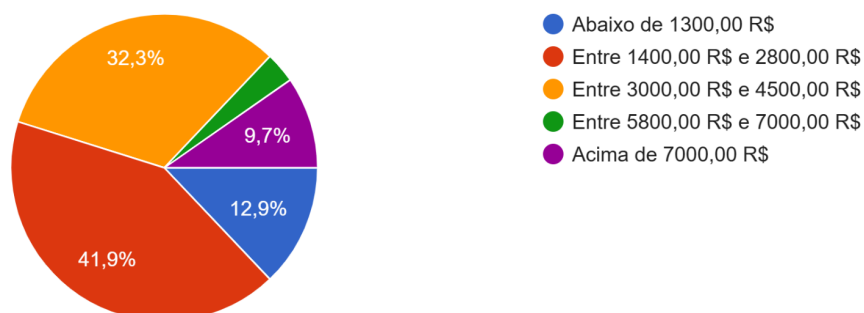
Fonte: Questionários aplicados pelo *Google Docs* entre Janeiro e Fevereiro de 2025.

A próxima pergunta foi feita para entender a questão financeira dos respondentes, uma vez que a renda é um fator muito importante a ser considerado, pois nela podemos traçar diretamente uma ligação entre renda, etnia e bairro que habitam, por exemplo.

Gráfico 4: Renda Mensal dos Respondentes

Qual sua renda mensal média (líquida)?

31 respostas



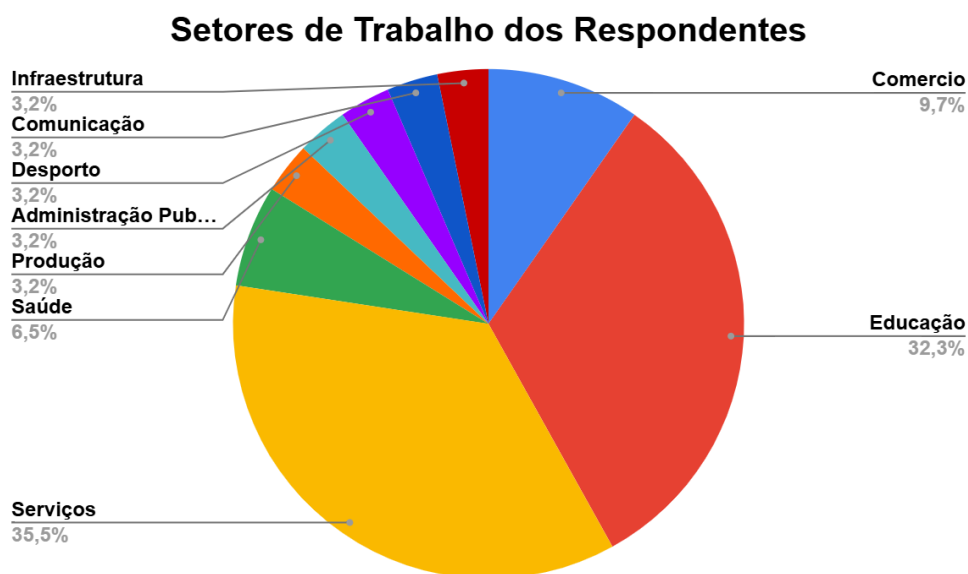
Fonte: Questionários aplicados pelo *Google Docs* entre Janeiro e Fevereiro de 2025..

Uma questão importante que pode ser vista neste gráfico é a grande incidência de pessoas com uma renda relativamente baixa, especialmente em uma cidade na qual o custo de vida cresce exponencialmente ano a ano. Conforme a reportagem do periódico “Diário do Rio” intitulada “O Rio é a cidade mais cara de se viver no Brasil”, ela mostra que devido a especulação imobiliária e outras questões socioeconômicas podem estar ocasionando a alta do preço do metro quadrado em algumas localizações do município, tornando bairros como Ipanema e Leblon a título de exemplo, alguns dos mais caros do Brasil. Vale lembrar que esses bairros já foram em um passado não tão distante os mais caros nacionalmente, mas hoje esse título pertence ao município de Balneário Camboriú em Santa Catarina.

Questões como essa nos fazem refletir sobre como os cariocas vivem e quais as reais condições de vida dessas pessoas, pois em muitos casos, é evidenciado somente o lado muito bom e o muito ruim de se viver no Rio de Janeiro, sem dar a devida atenção para aqueles que estão no meio dessa linha.

Em relação à ocupação profissional dessas pessoas, foi necessário dividir as respostas de acordo com as áreas de trabalho. O gráfico abaixo demonstra esta divisão¹:

Gráfico 5 : Setores de Trabalho dos Respondentes



Fonte: Questionários aplicados pelo *Google Docs* entre Janeiro e Fevereiro de 2025.

¹ Devido ao alto número de ocupações de áreas similares foi dividido: Categoria Educação compreende professores e estudantes; Categoria Serviços compreende trabalhadores informais , motoristas de aplicativo, trabalhadores do setor de limpeza, recepcionistas dentre outros.

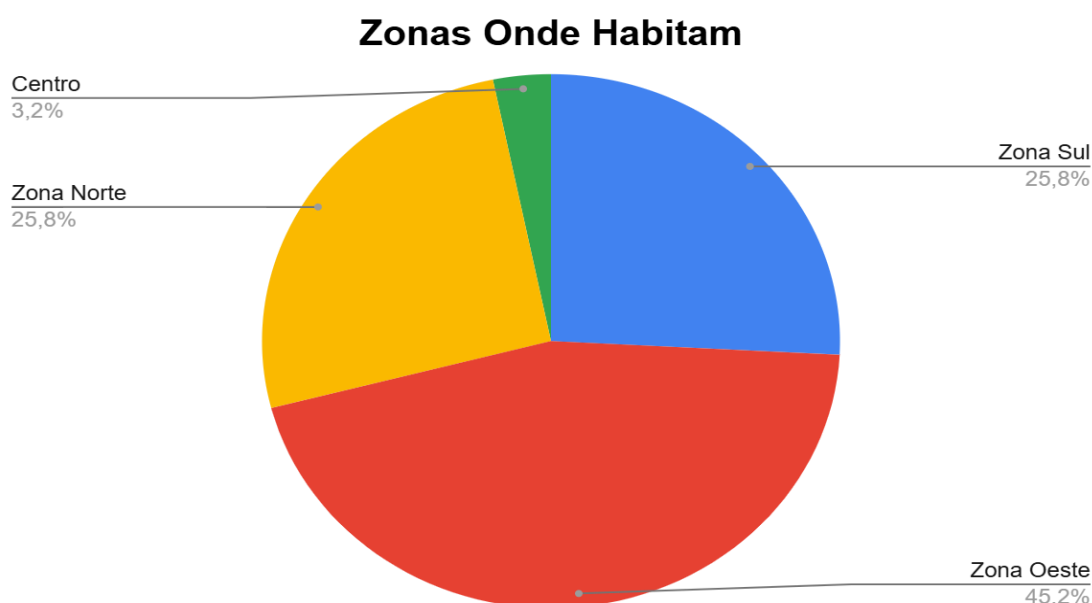
Este gráfico demonstra sua importância, pois mostra que a maioria dos respondentes atua nos setores da educação (sendo eles estudantes e educadores) e no setor de serviços que são duas das áreas com os mais baixos salários no país (Barboza, 2012), assim observamos que ambos os gráficos se relacionam. Salientamos que como tivemos muita adesão de estudantes, isso pode ter impacto diretamente em alguns dos resultados já que uma parcela deles acabou por ser pessoas que não trabalham. Por mais que isso altere os resultados, eles não invalidam os dados.

As próximas respostas para as perguntas serão avaliadas em dupla pois ambas estão interligadas, que foi o tempo de vivência na capital e o bairro onde residem. Pelo fato da cidade do Rio de Janeiro ter muitos bairros diferentes, foram selecionadas as respostas referente à residência e divididas por zonas a fim de obter uma melhor visualização.

No questionário, tivemos ao todo 21 bairros diferentes citados com o bairro de Campo Grande, na Zona Oeste da cidade, sendo o local com maior representatividade na pesquisa. O que também corrobora com o fato de Campo Grande ou “CG” como é chamado por algumas pessoas da cidade, ser um dos bairros mais extensos e populosos da cidade do Rio de Janeiro, sendo diversas vezes chamado erroneamente de cidade, mas é só mais um bairro de classe média em sua maioria.

Além de Campo Grande, tivemos também uma representatividade dos bairros de Bangu e Santa Teresa, da Zona Oeste e Zona Sul, respectivamente. São bairros bem opostos um ao outro no quesito característica da população que vive nesses lugares. Bangu é um bairro de maioria classe média, porém algumas pessoas mais vulneráveis estão entre seus residentes. Por outro lado, em Santa Teresa são encontrados locais mais desenvolvidos, sendo majoritariamente classe média também. Isso significa que em Santa Teresa são encontradas pessoas com um poder aquisitivo maior do que em Bangu (De Queiroz Ribeiro, 1999). Paralelamente, o gráfico abaixo demonstra as zonas onde os respondentes habitam.

Gráfico 6 : Zonas da cidade onde os respondentes habitam



Fonte: Questionários aplicados pelo *Google Docs* entre Janeiro e Fevereiro de 2025

Este gráfico evidencia uma certa dominância da Zona Oeste da cidade em decorrência principalmente pela grande quantidade de respondentes dos bairros de Campo Grande e Bangu. Apesar disso, vemos uma presença igualitária das Zonas Sul e Norte da cidade. Essas zonas são bem diferentes uma da outra principalmente pelo perfil populacional. O poder aquisitivo das pessoas da Zona Sul é bem maior do que o da Norte. Vemos na Zona Sul bairros como Catete, Botafogo, Aterro do Flamengo e Santa Teresa que são bairros que em sua maioria possuem uma renda mais elevada. Já na Zona Norte encontramos mais bairros humildes, ou seja, bairros onde a população não tem tanto poder aquisitivo (De Queiroz Ribeiro, 1999).

Um dos pontos em destaque é a relação desses bairros com o primeiro mapa (Figura 6). Ainda, conforme o trabalho de De Queiroz Ribeiro (1999), podemos traçar um paralelo entre a localização das praças esportivas e o poder aquisitivo da população. É visto que a maioria das localizações onde ocorreram eventos foi na zona Sul do Rio de Janeiro, talvez por questões de visual (pois está localizada relativamente longe das principais comunidades da cidade) ou talvez por questões externas. Os motivos em sua totalidade não podem ser precisos, mas pode-se entender que é muito conveniente que eventos dessa proporção ocorram em localidades que o poder aquisitivo do residente seja maior. Aqui traçamos uma ponte com o trabalho de Corrêa (1993). Esses eventos modificam o espaço de forma que escancaram ainda mais as desigualdades que estão presentes na dinâmica urbana da cidade.

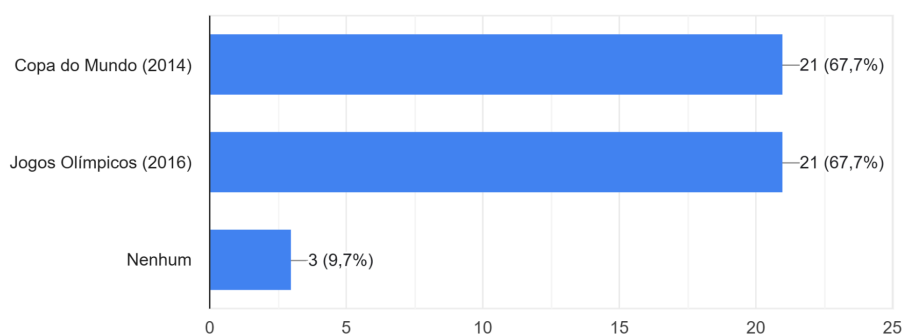
Com o perfil socioeconômico dos respondentes devidamente traçado, a adesão desses respondentes aos eventos ocorridos na cidade, sendo eles a Copa do Mundo FIFA realizada em 2014 e os Jogos Olímpicos de Verão em 2016. Como foi afirmado na introdução deste trabalho, esses eventos reúnem milhões de pessoas não só nas cidades sedes, mas ao redor do mundo inteiro, e por consequência o tráfego de pessoas cresce muito durante esse período (Proni, 2014).

Na figura abaixo, é visível a adesão do povo carioca com os esportes e eventos, com grande maioria das respostas sendo de pessoas que acompanharam ao menos um desses eventos, com a maioria acompanhando os dois. Isso demonstra que existe um mercado na cidade do Rio de Janeiro, mas ao mesmo tempo abre espaço para um questionamento que seria o porquê de, apesar desses megaeventos terem mercado, eles serem tão mal recebidos pela população?

Gráfico 7 : Adesão aos megaeventos no Rio de Janeiro

Você acompanhou qual desses dois megaeventos?

31 respostas



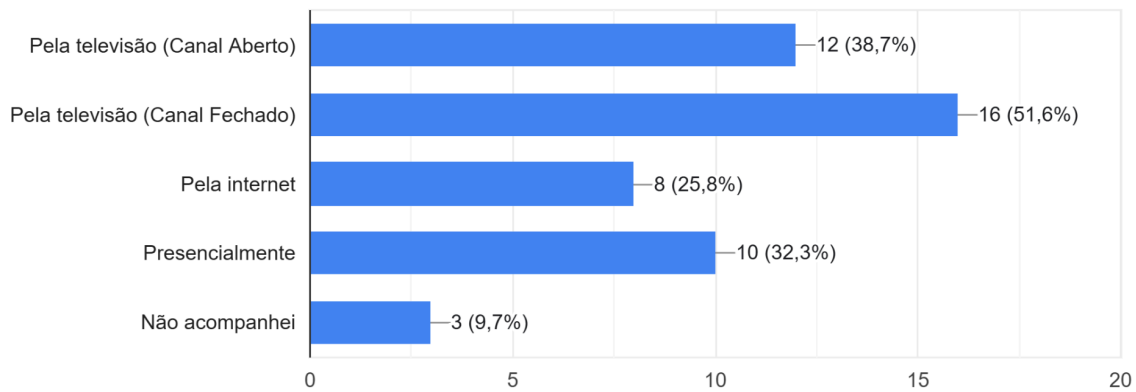
Fonte: Questionários aplicados pelo *Google Docs* entre Janeiro e Fevereiro de 2025.

O gráfico 8 na sequência demonstra os resultados da pergunta que é diretamente atrelada a anterior, que é a forma como esses respondentes acompanharam os jogos, estando diretamente ligada à renda.

Gráfico 8 : Método de adesão aos megaeventos

Caso a resposta anterior tenha sido positiva, de que forma você acompanhou esses eventos?

31 respostas



Fonte: Questionários aplicados pelo *Google Docs* entre Janeiro e Fevereiro de 2025.

Esse gráfico evidencia como os respondentes assistiram aos jogos, levando em consideração que era possível marcar mais de uma alternativa, e em sua maioria as pessoas marcaram a opção da televisão em canal fechado, já que este método tradicionalmente tem uma cobertura bem extensiva, porém, como contraponto é geralmente mais caro.

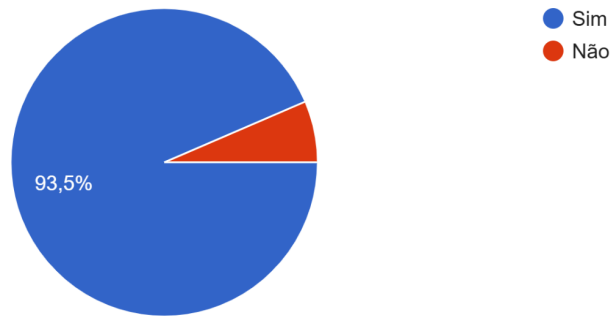
Outro ponto interessante nesse gráfico é sobre como essas pessoas assistiram os jogos presencialmente. Podemos evidenciar que a maioria dessas respostas tem como referência os Jogos Olímpicos, visto que era relativamente mais aberto e de fácil acesso a alguns dos eventos, especialmente aqueles que ocorreram nas ruas (Bottura, 2014).

Com o intuito de compreender os impactos desses eventos na sociedade carioca, as próximas perguntas se constituem como abertas, para melhor inteligibilidade dos dados.

Gráfico 9: Mudanças na infraestrutura percebidas pela população

Você percebeu mudanças na infraestrutura da cidade?

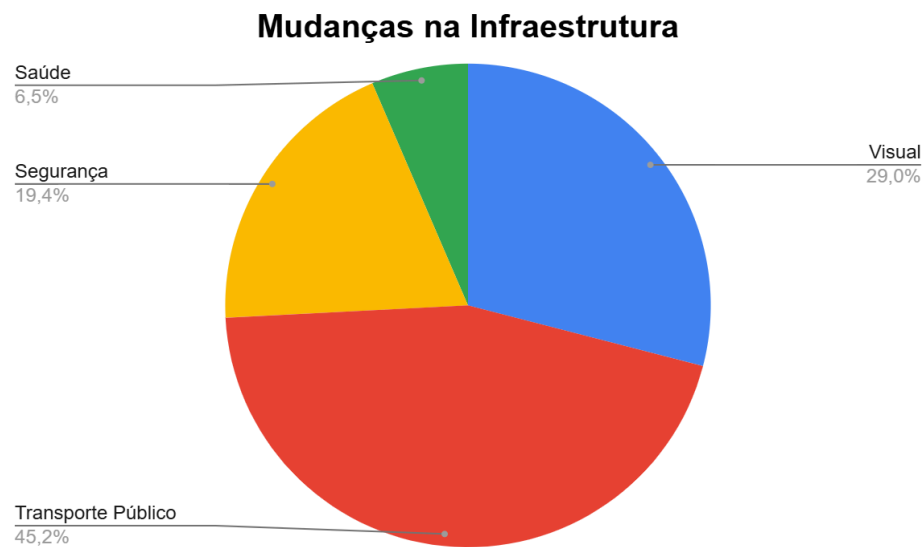
31 respostas



Fonte: Questionários aplicados pelo *Google Docs* entre Janeiro e Fevereiro de 2025.

Este gráfico aborda como o público sentiu as mudanças que ocorreram na malha urbana do Rio de Janeiro. Assim, podemos observar que houve impacto, já que mais de 90% das respostas afirmam que ocorreram mudanças em diferentes intensidades. De certa forma é esperado um certo grau de impacto a respeito da malha urbana, pois eventos dessa proporção acabam por modificar o espaço alterando a dinâmica urbana da cidade do Rio de Janeiro. A cidade é como se fosse uma “teia” e essa teia é manipulada pelos eventos e desenvolvimento que nela ocorrem (Micelli, 2016).

Gráfico 10: Mudanças percebidas na infraestrutura



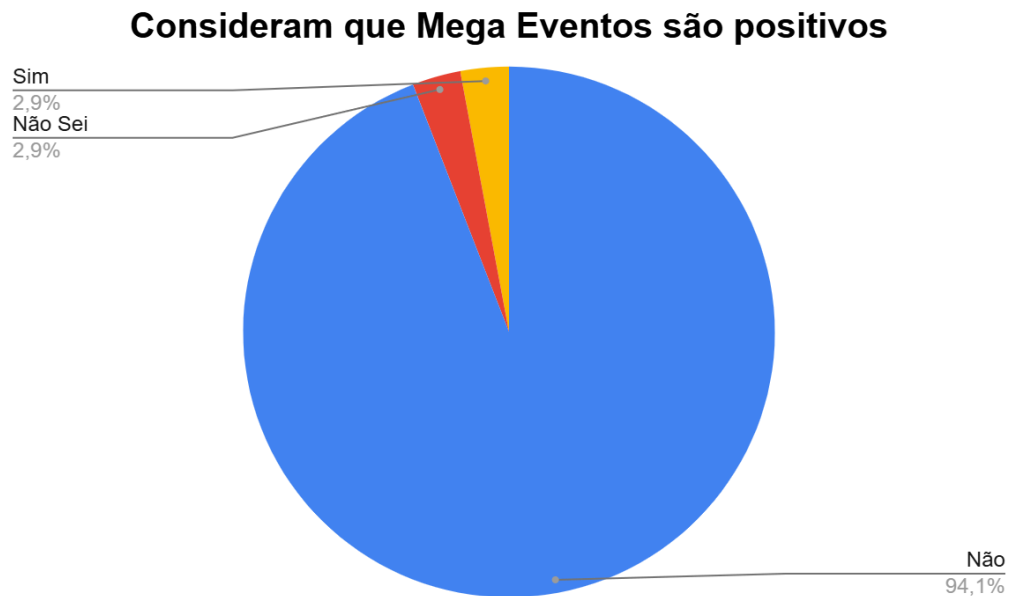
Fonte: Questionários aplicados pelo *Google Docs* entre Janeiro e Fevereiro de 2025.

Este gráfico resulta da coleta dos relatos escritos que obtivemos no questionário a partir das perguntas abertas, os quais foram inseridos em uma planilha Excel e categorizados conforme a análise de conteúdo de Bardin (1977). Para exemplificar, caso alguma pessoa mencionasse algo como “as linhas de ônibus no bairro x”, esse relato é inserido na categoria de transporte público, e assim sucessivamente, até que todos os relatos fossem lidos, analisados e categorizados.

É visto aqui que a maioria dos relatos se referem justamente ao transporte público da cidade, não dizendo se piorou ou se melhorou, mas sim falando somente se ocorreu algum tipo de mudança ou não.

Aqui vemos também um ponto curioso que é essa categorização chamada de “visual” que pode gerar certa confusão, mas essa categoria engloba coisas como, pinturas feitas em fachadas, parques revitalizados e etc. Se quase 30% dos respondentes afirmam que houve mudanças visuais na cidade, então é uma parcela até que significativa das respostas.

Gráfico 11: Opinião sobre os megaeventos



Fonte: Questionários aplicados pelo *Google Docs* entre Janeiro e Fevereiro de 2025

Neste gráfico pode ser visto um certo consenso por parte da população que os megaeventos não são positivos no quesito qualidade de vida. Aqui é um ponto em que se pode debater a opinião da população, pois como foi dito na introdução, o alto fluxo de pessoas acaba por estimular a economia local e gerar empregos, mas ao mesmo tempo é possível entender o porquê de muitos deles serem contra, pois se pegar essas respostas, vemos que as pessoas de bairros mais pobres acabam por ser mais contra esses tipos de eventos, provavelmente porque eles são maioria da população e não veem as tais mudanças que esses eventos podem gerar. Isso se deve possivelmente ao fato dessas pessoas não possuírem um poder aquisitivo elevado (Gráfico 4), portanto eles não têm acesso a esses eventos e os benefícios que eles podem trazer.

Relacionado a discussão com o trabalho de Massey (1985) pode-se afirmar que a forma que esses eventos modificam o espaço de uma forma que privilegiam uma agenda a ser divulgada de um espaço justo e globalizado sendo que na realidade não é bem assim. Esse método acaba por colocar mais em evidência as desigualdades que permeiam esses locais. Podemos dizer que essas interações não ocorrem de forma natural mas sim escancaram algumas relações de poder já existentes. Relações estas que buscam ditar quem tem o direito de ocupar e usufruir de determinadas localidades do espaço urbano.

Gráfico 12: Apoio a novos eventos no Rio de Janeiro



Fonte: Questionários aplicados pelo *Google Docs* entre Janeiro e Fevereiro de 2025.

Este gráfico tem uma pequena distinção com relação ao anterior já que, por mais que a população acredite que os megaeventos são negativos, algumas dessas pessoas não são totalmente contrárias a eles, isso levando em consideração as diversas respostas de “talvez”, isso pode ser interpretado da seguinte maneira. Não há uma resistência total a esses eventos, o que a população quer é que todas as pessoas tenham acesso a eles.

A última etapa do questionário foi às perguntas abertas, na qual foram escolhidas algumas respostas para essas questões para serem analisadas. A primeira resposta que chamou a atenção foi de uma mulher (Resposta de número 9) que relatou ter que se passar pela responsável do grupo de amigas a fim de evitar turistas assediadores. Ela relata que entende a fama que as mulheres brasileiras têm fora do país, mas afirma que não justifica essas situações e muitos desses turistas “passam do ponto” como a mesma descreveu. Isso gera diversos questionamentos a respeito da segurança desses eventos para a população local, e se as forças de segurança de fato fazem um trabalho para coibir esse tipo de ação.

Outra resposta interessante é de um homem (Resposta de número 25) que afirmou ter sido voluntário durante os Jogos Olímpicos (prática comum para eventos desse tipo) e disse que adorou a experiência de ter sido voluntário, e que é algo que ele faria novamente, apesar das dificuldades do trabalho exercido mostrando que para os nativos do Rio, tem sim pontos positivos para se orgulhar desses eventos acontecerem por lá.

A última das respostas separadas para análise foi a de um rapaz que diz ser motorista de ônibus. Na resposta ele afirma que testemunhou diversos assaltos durante esses eventos principalmente nos trechos próximos a regiões turísticas. Aqui ele se refere aos populares

“arrastões” que são um problema sério de segurança pública na cidade do Rio de Janeiro (principalmente nas praias) até os dias de hoje.

Com isso vemos que os principais questionamentos feitos nessas perguntas são a respeito da segurança oferecida pelas entidades organizadoras desses eventos, o que é uma tônica que também foi vista nos gráficos apresentados anteriormente.

Ainda, a respeito das perguntas abertas, um paralelo claro pode ser traçado, principalmente a respeito da etnia e das principais reclamações dos respondentes. Para esclarecer segue um exemplo desses padrões encontrados nas respostas. Os habitantes que disseram ser da etnia negra, se queixaram no geral da piora nos transportes públicos do Rio de Janeiro e da segurança, o que faz um paralelo interessante principalmente a questão da segurança, pois surgem diversos outros questionamentos como: Por que eles se sentem menos seguros? A criminalidade aumentou? As forças de segurança pública estão menos eficientes? Eles se sentem constantemente vigiados de alguma forma ou recebem outro tratamento pela sua cor de pele ou local onde moram? São diversas as respostas possíveis e que podem (e provavelmente irão) gerar novos trabalhos a respeito.

Por outro lado, é visto uma questão totalmente diferentes nas respostas dos indivíduos que disseram ser brancos no questionário pois esses indivíduos se queixaram mais sobre as questões visuais da cidade isto é, estradas, renovações dentre outras, o que pode ajudar a notar um certo nível de desigualdade entre ambas as etnias na cidade já que dá a entender que uma parcela da população não passa (ou ao menos não dá muita importância) a problemas que outras parcelas da população passam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho surgiu com o objetivo de compreender a percepção de pessoas que residem no Rio de Janeiro sobre os impactos que ocorreram na cidade como consequência da realização dos eventos da Copa do Mundo FIFA 2014 e dos Jogos Olímpicos Rio 2016. Pode-se concluir que a hipótese inicial de que os megaeventos são agentes diretos de modelação do espaço e um acentuador de desigualdades foi confirmada, mediante os resultados obtidos após a aplicação dos questionários, porém ao passo que isso pode ser uma consequência direta dos megaeventos, não podemos atribuí-las somente a eles, pois a revisão bibliográfica realizada durante a escrita deste texto revelou que existem também políticas públicas que sistematicamente acabam por gerar mais desigualdade para a população dos bairros mais periféricos.

A discussão a respeito do acesso a esses eventos também é válida, uma vez que a maior parte das pessoas da cidade do Rio sequer tiveram acesso presencial a esses eventos, pois além de, em muitos casos eles estarem bem longe de seus bairros, as entradas e os

ingressos eram em muitas vezes abusivos, o que mais uma vez exclui uma parcela da população e a força a viver apenas com os malefícios trazidos pelos eventos, enquanto uma parcela significativamente menor de pessoas aproveitam os benefícios e o lazer proporcionados por essas celebrações.

Apesar disso, nem todas as pessoas se manifestaram contra a realização de novos eventos na capital do estado do Rio de Janeiro, desde que a organização e os gastos sejam mais transparentes e o acesso fosse mais igualitário, também se posicionaram a favor caso novas políticas públicas fossem implantadas para que o legado dessas competições perpetue de uma forma positiva e que todos possam aproveitar os benefícios e não somente uma parcela.

Podemos concluir então que os megaeventos, apesar de serem listados como algo negativo, eles não necessariamente são, uma vez que eles criam um grande movimento na economia além de promoverem uma integração de diversas culturas. Ainda, será necessário comparar os resultados dessa pesquisa com outros do mesmo nicho desenvolvidos, para quem sabe esses eventos sejam realizados de forma correta e que ajudem a todos. Espera-se também que ocorram novas pesquisas antes da realização de mais eventos no Rio de Janeiro, e quem sabe algum dia esses eventos retornem a cidade maravilhosa em algum momento no futuro.

BIBLIOGRAFIA

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2010.

BARBOZA, Andreza. Implicações dos baixos salários para o trabalho dos professores brasileiros. *Revista Educação e Políticas em Debate*, v. 1, n. 2, 2012.

BOTTURA, Ana Carla de Lira. O paradigma da cidade global e as olimpíadas do Rio de Janeiro. *Oculum Ensaio*, v. 11, n. 1, p. 119-135, 2014.

BIANCO, Vittorio Leandro Oliveira Lo. O legado dos megaeventos esportivos em questão: as mudanças ou as continuidades na cidade Rio de Janeiro pós-sede. 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato. O espaço urbano. São Paulo: Ática, 1989.

CORRÊA, Roberto Lobato. O espaço urbano: notas teórico-metodológicas. *Geosul*, v. 8, n. 15, p. 13-18, 1993.

COSTA, Giuliana. Sedar megaeventos esportivos vale à pena? *O Social em Questão*, n. 29, p. 159-178, 2013.

DE ALVARENGA, Daniela Lopes. O Palácio Monroe e as trincheiras da memória. *Revista de História Bilros: História(s), Sociedade(s) e Cultura(s)*, v. 7, n. 14, 2019.

DE QUEIROZ RIBEIRO, Luiz Cesar. Transformações da estrutura socioespacial: segmentação e polarização na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. *Cadernos Metrôpole*, n. 01, p. 07-32, 1999.

FERREIRA, Vanessa Nolasco et al. Política de Segurança Pública e Globalização: estudo de caso da cidade do Rio de Janeiro. 2017. Tese (Doutorado) — Universidade Federal do Rio de Janeiro.

GAFFNEY, Christopher et al. Segurança pública e os megaeventos no Brasil. 2015.

GAROFALO, R. Understanding mega-events. *Peace Review*, v. 5, n. 2, p. 189-198, 1993.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Rio de Janeiro (RJ): panorama. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/rio-de-janeiro/panorama>. Acesso em: 28 de abril de 2025 às 16h:02m.

IVESTER, Sukari. Removal, resistance and the right to the Olympic city: The case of Vila Autódromo in Rio de Janeiro. *Journal of Urban Affairs*, v. 39, n. 7, p. 970-985, 2017.

JAGO, L. et al. Optimising the potential of mega-events: an overview. *International Journal of Event and Festival Management*, v. 1, n. 3, p. 220-237, 2010.

MASSEY, D. New Directions in Space. In: GREGORY, D.; URRY, J. (eds.). *Social Relations and Spatial Structures. Critical Human Geography*. London: Palgrave, 1985.

MICELLI, Bruna Santos. Principais observações a partir do Paço da Cidade do desenvolvimento do espaço urbano do Rio de Janeiro. *Geo UERJ*, 2016.

MÜLLER, Martin. What makes an event a mega-event? Definitions and sizes. In: *Leveraging mega-event legacies*. Routledge, 2018. p. 13-28.

MÜLLER, Martin. The mega-event syndrome: Why so much goes wrong in mega-event planning and what to do about it. *Journal of the American Planning Association*, v. 81, n. 1, p. 6-17, 2015.

PRONI, Marcelo. Observações sobre os impactos econômicos esperados dos Jogos Olímpicos de 2016. 2009.

PRONI, Marcelo Weishaupt; FAUSTINO, Raphael Brito; SILVA, Leonardo Oliveira da. Impactos econômicos de megaeventos esportivos. Campinas: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2014.

ROCHA, Glauter; ARAÚJO, Herton Ellery; DE CODES, Ana Luiza Machado. Impactos econômicos dos jogos Rio 2016 no município e na região metropolitana do Rio de Janeiro. *Texto para Discussão*, 2018.

ROCHE, M. Mega-events and social change: Spectacle, legacy and public culture. Manchester: Manchester University Press, 2017.

ROCHE, Maurice. Mega-events, culture and modernity: expos and the origins of public culture. *International Journal of Cultural Policy*, v. 5, n. 1, p. 1-31, 1998.

SÁ, Celso Pereira de. A construção do objeto de pesquisa em representações sociais. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SANTOS, J. M. C. M. Brazil: an emerging power establishing itself in the world of international sports mega-events. *The International Journal of the History of Sport*, v. 31, n. 10, p. 1312–1327, 2014.

VENANCIO, Rafael Duarte Oliveira; SILVA, Amanda Franciele. A narrativa da Copa do Mundo de 1950 nas crônicas jornalísticas de Nelson Rodrigues. *Revista Latino-americana de Jornalismo*, ISSN 2359-375X.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

ACERVO DIGITAL

Figura 1 obtida em: <https://www.olympics.com/pt/olympic-games/athens-1896> acesso em 11/07/2025 às 21h:50m

Figura 2 obtida em: Arquivo digital da biblioteca universitária de Darmstadt , Autor desconhecido

Figura 3 obtida em : Banco de Imagens/GS

Figura 4 obtida em: Genilson Araújo via O Globo

Figura 5 obtida em:Akemi Nitahara via Agência Brasil

Figura 6 obtida em: Fonte: Google Earth. Acesso em: 24 de maio de 2025, às 14h:39m.

Figura 7 obtida em: Cúpula dos Povos (Ato da Vila Autódromo)

